

TEORIA DA DEPENDÊNCIA E ESTÉTICA DA FOME: UM DIÁLOGO ENTRE SOCIOLOGIA E CINEMA BRASILEIROS

PEDRO HENRIQUE PEREIRA GOLDBERG¹;

FRANCISCO DOS SANTOS KIELING ²

¹*Universidade Federal de Pelotas – pedrohgoldsberg@gmail.com*

² *Universidade Federal de Pelotas – franciscokieling@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A perspectiva de dependência bem explorada por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto decerto apresenta uma óptica frutífera para análise da condição periférica da América Latina em detrimento do desenvolvimento capitalista, uma vez que recusam uma simples e tradicional dicotomia entre sociedades “tradicionais” e “modernas”, especialmente no que tange o Capítulo II: Análise integrada do desenvolvimento (CARDOSO, FALETTO, 2004). O objetivo do seguinte escrito torna-se, por conseguinte, demonstrar como a óptica expressa em Dependência e Desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica de Cardoso e Faletto podem exercer boa luz quando é posto em questão o Cinema Novo Brasileiro, movimento cinematográfico com gênese na década de 1960 que contou com inovações e renovações estéticas, estilísticas, técnicas, comerciais, entre outras, como aponta CARVALHO (2012) no artigo Cinema Novo Brasileiro, publicado no livro História do cinema mundial de organização de Fernando Mascarello.

Torna-se assim passível e ocorre a estima de estabelecimento de vínculo teórico entre a Teoria da Dependência expressa por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto e o Cinema Novo Brasileiro, movimento que contou com diversos atores importantes, bem como Glauber Rocha, maior referência para o movimento (CARVALHO, 2012). Ou seja, é apontável a possibilidade de relacionar a condição periférica descrita por Cardoso e Faletto e a “Estética da fome”, ideal estético este que permeou boa parte das produções do Cinema Novo Brasileiro e fora inicialmente proposto por Glauber Rocha em seu manifesto “Uma estética da fome” (CARVALHO, 2012).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Para com a finalidade de estabelecimento de uma relação teórica entre a Teoria da Dependência de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto com a Estética da Fome de Glauber Rocha – perspectiva tal que simboliza o Cinema Novo Brasileiro -, foram selecionados dois materiais como referenciais teóricos: 1. Dependência e Desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica (CARDOSO, FALETTO, 2004); 2. História do cinema mundial: Cinema Novo Brasileiro (MASCARELLO, CARVALHO, 2012).

Assim sendo, a metodologia aplicada para o desenvolvimento da tal material é de análise de conteúdo das fontes acima mencionadas, buscando pontos de efetiva aproximação entre a teoria de Cardoso e Faletto e as manifestações politicamente articuladas de Glauber Rocha durante o tempo de sua produção

cinematográfica. Tal método demonstrou-se eficaz em proporcionar uma óptica sociológica sob uma temática artística, cultural e patrimonial tipicamente brasileira: os parâmetros estéticos do Cinema Novo Brasileiro fortemente influenciados por Rocha, estes que assumidamente exprimem uma perspectiva crítica quanto ao ideal desenvolvimentista e que, não obstante o caráter datado de suas produções e do movimento artístico como um todo, exerce efeitos ainda contemporaneamente, uma vez que grande parte da produção contemporânea do cinema brasileiro sofre de influências riquíssimas e bem afloradas dos padrões estéticos, estilísticos, políticos, técnicos, comerciais, entre outros (...) estabelecidos pelo movimento que teve sua gênese em momento ainda inicial da década de 60 e pouco tempo após encontrou entraves para seu pleno desenvolvimento por conta de restrições como censuras e perseguições impostas pela ditadura civil-militar consumada por golpe em 1964 (CARVALHO, 2012).

Mostrou-se incontestável o valor que a análise do que se trata a Estética da fome apresenta para assimilar a Teoria da Dependência de Cardoso e Faletto, uma vez que tal ideal artístico volta sua atenção para a “fome” brasileira em sua relação com o resto do mundo, sendo esta não somente em termos literais, mas também uma fome de melhores condições de vida, de produção e reprodução social, o qual era e ainda é sofrida no cotidiano do brasileiro que se via e se vê na periferia do mundo, lógica a qual não era diferente quanto em relação ao espaço e condições que as produções cinematográficas brasileiras ocupavam em relação ao restante do globo. CARVALHO (2012) aponta para a situação da fome latina em relação direta com uma “crise de dependência crônica da América Latina”, como proposto por tese glauberiana:

A argumentação de Glauber Rocha baseia-se na crise de dependência crônica da América Latina – permanentemente colônia – para afirmar que o Brasil, tal como o continente latino-americano, era um país subdesenvolvido, dominado pela fome. Em sua “tese”, as imagens da realidade brasileira de pobreza, injustiça social e alienação – ou seja, da “fome latina” – estariam sendo representadas e discutidas pelo Cinema Novo, não apenas como “sintoma” da situação de miséria generalizada (econômica, política, cultural e artística), mas tratadas como “o nervo de sua própria sociedade” (Carvalho, 2012, p. 296, apud Rocha, 1981, p.30)

Também é notável uma perspectiva crítica de oposição ao ideal moderno fantasioso de desenvolvimento quanto postas em debate algumas características dos filmes produzidos pelo Cinema Novo Brasileiro – temáticas, técnicas e tecnologias de filmagem, estas que se caracterizam por um “miserabilismo” o qual fora muitas vezes desprezado por público e crítica especializada. Nesse sentido, cabe reafirmar a posição crítica que Cardoso e Faletto estabelecem quando delimitam a necessidade de análise de condições subjetivas do desenvolvimento no caso latino e, assim, buscam escapar de modelos analíticos simplistas e falaciosos, uma vez que consideram que: “(...) as análises do modernismo e do tradicionalismo parecem excessivamente simplificadas quando se estabelece uma relação unívoca, por um lado entre desenvolvimento e sociedade moderna e por outro entre subdesenvolvimento e sociedade tradicional.” (CARDOSO, FALETTTO, 2004, p. 30). CARVALHO (2012) ressalta:

Ao afirmar sua originalidade em sua própria fome, o Cinema Novo conceberia uma arte inovadora, reveladora e potencialmente transformadora com seus filmes “feios e tristes, estes filmes gritados e desesperados onde nem sempre a razão falou mais alto” (*ibid.*, p. 31). O “miserabilismo” do qual o movimento era acusado – tanto por parte da crítica especializada quanto do público brasileiros, que se recusavam a se reconhecer naqueles personagens esfomeados – mostrava, na verdade, a capacidade dos cinemanovistas de pensar o Brasil. Seus filmes não reforçariam a fantasia desenvolvimentista, que criara uma pequena ilha de modernidade no país, mas refletiriam sobre os graves problemas da realidade nacional, no campo e na cidade, mostrando seu lado oculto, sombrio, desesperado e injusto. (Carvalho, 2012, p. 296)

Cabe lançar a atenção para o valor que o cinema exerce como material de diálogo com temáticas propostas pela Sociologia, exercendo assim valioso potencial de contato entre diferentes áreas – neste caso, a Sociologia e as Artes – como exemplificado nos desenvolvimentos anteriores quando tratou-se das contribuições das produções teóricas de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto e a obra de vida de Glauber Rocha para compreender a temática da dependência na América Latina. O que fora tratado anteriormente é somente uma opção dentre uma vasta constelação de temas da realidade brasileira a serem iluminados a partir da herança produtiva do Cinema Novo Brasileiro. CARVALHO (2012) demonstra tal riqueza:

Essa produção pode ser classificada em três grandes áreas temáticas ligadas à vida em um país ainda fortemente rural: a escravidão, o misticismo religioso e a violência predominantes na região Nordeste. Mais tarde, os cineastas realizam filmes nos quais discutem acontecimentos políticos ocorridos no Brasil, bem como a transformação dos grandes centros urbanos com a modernização do país.

Alguns desses temas estão nos filmes *Ganga Zumba, rei de Palmares* (1963) e *Os herdeiros* (1970), de Carlos Diegues; *O desafio* (Paulo César Saraceni, 1965); *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), *Terra em Transe* (1967) e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), de Glauber Rocha. A liberdade, discutida por meio da escravidão e da permanência da pobreza que caracteriza a situação dos negros no Brasil; a revolução latente no Nordeste, potencializada por fome, violência e falta de perspectivas para o homem nordestino, oprimido pelo “coronelismo” e pelo misticismo religioso; a recente história política do país e a direção dada ao seu desenvolvimento. (Carvalho, 2012, p. 292)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, considerando a premissa inicial que estima comprovar a possibilidade de estabelecimento de vínculo comparativo entre a Teoria da Dependência de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto e a Estética da Fome de Glauber Rocha, é considerável:

Em primeiro lugar, torna-se possível considerar proveitosa a comparação entre a dita Estética da Fome e as proposições teóricas de Cardoso e Faletto por

intenção de associar qualidades destes objetos. Assim sendo, não se trata de uma superficial comparação entre uma categoria que meramente se apresenta em ambos – no caso, a dependência -, mas trata-se de um debate que iniciava a ter forte adesão entre teóricos na década de 60, década que o manifesto *Uma estética da fome* é levado a público e este último, evidentemente, influenciado pelas posições e ideologias – em termos do conjunto de ideais – que caracterizavam o nervo artístico de Glauber Rocha, este que tinha contato com teorias sociológicas bem como o marxismo e assumidamente defendia o papel revolucionário que o cinema deveria exercer.

É considerável também que, embora o modelo de análise assumido por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto esteja fortemente associado a uma tradição weberiana de pensamento, a Teoria da Dependência expressa por tais conta com elementos de extremo aproveitamento para comparação com a óptica revolucionária glauberiana, bem como a análise do Brasil em relação ao “centro”, perspectiva esta que calcou boa parte das críticas à produção cinematográfica mundial exercidas por Glauber Rocha.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, F. H. FALETTO, E. **Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2004.

CARVALHO, M. do S. Cinema Novo Brasileiro. In: MASCARELLO, F. **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papirus, 2012. Cap. 11, p.289-309.